

XVII

ASSISTÊNCIA FRATERNAL

No segundo dia de serviço espiritual definitivo, na tarefa de socorro a Margarida, nossa movimentação aureolava-se de sublime entusiasmo no santuário doméstico, que novamente se revestia das doces claridades da paz.

A casa transformou-se.

Desde a véspera, Saldanha e Leôncio eram os primeiros a pedir instruções de trabalho.

Teimavam em dizer que os adversários do bem voltariam à carga. Conheciam a crueldade dos ex-companheiros e, porque muitos apaniguados de Gregório viriam fiscalizar a normalidade do processo alienatório da esposa de Gabriel, Gúbio começou por traçar expressivas fronteiras, ao redor da casa, mantidas dali em diante sob a responsabilidade dos colaboradores que Sidônio nos cedera por gentileza.

Enquanto aprestávamos a defensiva, o jovem casal louvava a alegria que lhes retornara aos corações.

Margarida sentia-se leve, bem disposta, e rendia graças ao Eterno pelo "milagre" com que fora contemplada. O esposo formulava mil promessas de trabalho espiritual, com o júbilo do neófito embriagado de sublime esperança.

De nosso lado, porém, as responsabilidades passaram a crescer.

Atendendo às determinações de Gúbio, Salda-

nha dirigiu-se ao interior da casa e trouxe, por influência indireta, velha serva encarnada, que espanou móveis, bruniu adornos e abriu as janelas, dando passagem a vastas correntes de ar fresco.

O prédio como que se reconciliava com a harmonia.

As medidas referentes à limpeza prosseguiam adiantadas, quando vozes ásperas se fizeram ouvir, partidas da via pública.

Elementos da falange gregoriana gritavam por Saldanha, que compareceu, junto de nós, desapontado e algo aflito. Nosso Instrutor paternalmente lhe recomendou:

— Vai, meu amigo, e mostra-lhes o novo rumo. Tem coragem e resiste ao venenoso fluido da cólera, Usa a serenidade e a delicadeza.

Saldanha estampou na fisionomia perceptível gesto de reconhecimento e avançou na direção dos recém-chegados.

Uma das entidades de horrível semblante, de mãos à cintura, gritou-lhe, irreverente:

— Então? que houve aqui? Traindo o comando?

O interpelado, que os últimos sucessos haviam alterado profundamente, respondeu humilde, mas firme:

— Meus compromissos foram assumidos com a própria consciência e acredito dispor do direito de escolher a minha rota.

— Ah! — disse o outro, sarcástico — tens agora o direito... Veremos...

E tentando insinuar-se de maneira direta, clamou:

— Deixa-me entrar!

— Não posso — esclareceu o ex-perseguidor —, a casa segue noutra direção.

O interlocutor lançou-lhe um olhar de revolta insofreável e indagou estentórico:

— Onde tens a cabeça?

— No lugar próprio.

— Não temes, porventura, as consequências do gesto impensado?

— Nada tenho de que penitenciar-me.

O visitante fêz carantonha de irritação extrema e aduziu:

— Gregório saberá.

E retirou-se acompanhado pelos demais.

Transcorridos alguns instantes, outros elementos assomaram à entrada, assustadiços e insolentes, com a repetição dos mesmos quadros.

Em breve, cenas diversas passaram a desdobrar-se.

Gúbio colocou sinais luminosos nas janelas, indicando a nova posição daquele abrigo doméstico, opondo-se às manchas de sombra que provinham dali; e, naturalmente atraídos por eles, Espíritos sofredores e perseguidos, mas bem intencionados, apareceram em grande número.

A primeira entidade a aproximar-se foi uma senhora que se ajoelhou, à entrada, suplicando:

— Benfeiteiros de Cima, que vos congregastes nesta casa, em serviço de luz, livrai-me da aflição!... Piedade! piedade!...

O nosso Instrutor atendeu-a, imediatamente, permitindo-lhe a passagem. E, no pátio ao lado, contou em pranto que se mantinha, há muito tempo, num edifício próximo, segregada por verdugos impassíveis que lhe exploravam antigas disposições mórbidas para o vício. Achava-se, porém, cansada do erro e suspirava por mudança benéfica. Penitenciava-se. Pretendia outra vida, outro rumo. Implorava asilo e socorro.

O orientador consolou-a, bondoso, e prometeu-lhe amparo.

Logo após, surgiram dois velhos, rogando poussada. Ambos haviam desencarnado em extrema indigência num hospital. Revelavam-se possuídos de imenso terror. Não se conformavam com a morte. Temiam o desconhecido e mendigavam elucidações. Padeciam de verdadeira loucura.

Curiosa dama compareceu pedindo providências contra Espíritos pervertidos e perturbadores que, em grande bloco, lhe não permitiam aproximar-se do filho, instigando-o à embriaguez.

Outra veio solicitar recursos contra os maus pensamentos de um Espírito vingativo que lhe não dava ensejo à oração.

A corrente dos pedintes, contudo, não ficou aí.

Tive a ideia de que a missão de Gúbio se convertera, de repente, numa avançada instituição de pronto-socorro espiritual.

Dezenas de criaturas desencarnadas, sob regime de prisão aos círculos inferiores, alinhavam-se, agora, ao lado da residência de Gabriel, sob a determinação de Gúbio que dizia aguardar a noite para os serviços da prece em geral.

Antes, porém, que o dia expirasse, começaram a surgir vários elementos da falange de Gregório, afirmando-se dispostos à renovação de caminho.

Procediam da própria colônia que visitáramos, e um deles, com grande assombro para mim, foi claro na enunciação dos propósitos de que se achava inspirado.

— Salvem-me dos juízes cruéis! — suplicou, emocionando-nos pela inflexão de voz — não posso mais! não suporto, por mais tempo, as atrocidades que sou constrangido a praticar. Soube que o próprio Saldanha se transformou. Eu não posso persistir no erro! Temo a perseguição de Gregório, mas, se é necessário arrostar as maiores dores, enfrentá-las-ei de bom grado, preferindo-lhes o golpe fulminatório a regressar. Ajudem-me! Aspiro à nova estrada, com o bem.

Apelos como este foram repetidos muitas vezes.

Enfileirando os sofredores de intenções nobres e retas que nos alcançavam, no vasto recinto de que dispúnhamos, nosso Instrutor recomendou que eu e Elói nos colocássemos à disposição deles, ouvindo-os com paciência e prestando-lhes a assistência

possível, a fim de se prepararem mentalmente para as orações da noite.

Confesso que me senti à vontade.

Dividimo-nos, então, em dois setores distintos.

Organizei os irmãos que me cabia atender em assembleia fraternal; contudo, em vista de os necessitados continuarem chegando, de espaço a espaço, era imperioso abrir novos lugares no extenso grupo dos ouvintes.

Muitas entidades em desequilíbrio, lá fora, reclamavam acesso, pronunciando rogativas como vedoras; todavia, o nosso orientador aconselhara fôsse a entrada privativa dos Espíritos que se mostrassem conscientes das próprias necessidades.

De há muito aprendera que uma dor maior sempre consola uma dor menor e limitava-me a pronunciar frases curtas, para que os infelizes, ali congregados, encontrassem reconforto, uns com os outros, sem necessidade de doutrinação de minha parte.

Conduzindo-me desse modo, pedi a uma das irmãs presentes, em deploráveis condições perispíriticas, expor-nos, por gentileza, a experiência de que fora objeto.

A infeliz concentrou a atenção de todos, em virtude das feridas extensas que mostrava no semblante agora erguido.

— Ai de mim! — começou, penosamente — ai de mim, a quem a paixão cegou e venceu, transportando-me ao suicídio! Mãe de dois filhos, não suportei a solidão que o mundo me impusera com a morte de meu marido tuberculoso. Cerrei os olhos ao campo de obrigações que me convidavam ao entendimento e sufoquei as reflexões ante o futuro que se avizinhava. Olvidei o lar, os filhos, os compromissos assumidos e precipitei-me no vale fundo de sofrimentos inenarráveis. Há quinze anos, precisamente, vagueio sem pouso, à feição da ave imprevidente que aniquilasse o ninho... Leviana que fui! quando me vi só e aparentemente desampa-

rada, entreguei meus pobres filhos a parentes caridosos e sorvi, louca, o veneno que me desintegraria o corpo menosprezado. Supunha reencontrar o esposo querido ou chafurdar-me no abismo da inexistência; todavia, nem uma realização nem outra me surpreenderam o coração. Despertei sob denso nevoeiro de lama e cinza e debalde clamai socorro, à face dos padecimentos que me asfixiavam. Coberta de chagas, qual se o tóxico letal me atingisse os mais finos tecidos da alma, gritei sem destino certo!

A essa altura, porque a emotividade lhe interceptasse a voz, interferi, perguntando, de modo a fixar o ensinamento:

— E não conseguiu retornar ao santuário doméstico?

— Ah! sim! fui até lá — informou a interpelada tentando dominar-se —, mas, para acen-tuar-me a angústia, o toque de meu carinho nos filhos amados, que confiara aos parentes próximos, provocava-lhes aflição e enfermidade. As irradiações de minha dor lhes alcançavam os corpos tenros, envenenando-lhes a carne delicada, através da respiração. Quando comprehendi que a minha presença lhes inoculava pavoroso "vírus fluídico", deles fugi aterrada. E' preferível suportar o castigo de minha própria consciência isolada e sem rumo que infligir-lhes sofrimento sem causa! Experimentei medo e horror de mim mesma. Desde então, perambulo sem consolo e sem norte. E' por isto que venho até aqui implorando alívio e segurança. Estou cansada e vencida...

— Convença-se de que receberá os recursos que pleiteia, por intermédio da prece — esclareci, prometendo-lhe a colaboração eficiente de Gúbio.

A pobrezinha sentou-se, mais calma; e reparando que um dos irmãos presentes buscava salientar-se, no intuito de relatar-nos a experiência de que era vítima, roguei atenção, em torno das palavras que pronunciaria.

Fitei-o, vigilante, e notei-lhe o singular brilho dos olhos. Parecia alucinado, abatido.

Com a expressão típica da loucura cronicificada, falou, aflito:

— Permite-me indagar?

— Perfeitamente — respondi surpreso.

— Que é o pensamento?

Não aguardava a pergunta que me era desfechada, mas, centralizando minha capacidade receptiva, no propósito de responder com acerto, elucidei como pude:

— O pensamento é, sem dúvida, força criadora de nossa própria alma e, por isto mesmo, é a continuação de nós mesmos. Através dele, atuamos no meio em que vivemos e agimos, estabelecendo o padrão de nossa influência, no bem ou no mal.

— Ah! — fêz o estranho cavalheiro, um tanto atormentado — a explicação significa que as nossas ideias exteriorizadas criam imagens, tão vivas quanto desejamos?

— Indiscutivelmente.

— Que fazer, então, para destruir nossas próprias obras, quando interferimos, errôneamente, na vida mental dos outros?

— Auxilie-nos a apreciar seu caso, contando-nos alguma coisa de sua experiência — pedi com interesse fraternal.

O interlocutor, provavelmente tocado pelo tom de minha solicitação afetuosa, expôs a perturbação que lhe vagava no íntimo, com frases incisivas, quentes de sinceridade e dor:

— Fui homem de letras, mas nunca me interessei pelo lado sério da vida. Cultivava o chiste malicioso e com ele o gosto da volúpia, estendendo minhas criações à mocidade de meus dias. Não consegui posição de evidência, nas galerias da fama; entretanto, mais que eu poderia imaginar, impressei, destrutivamente, muitas mentalidades juvenis, arrastando-as a perigosos pensamentos. Depois do meu decesso, sou incessantemente procurado

pelas vítimas de minhas insinuações sutis, que me não deixam em paz, e, enquanto isto ocorre, outras entidades me buscam, formulando ordens e propostas referentes a ações indignas que não posso aceitar. Compreendi que me achava em ligação, desde a existência terrestre, com enorme quadrilha de Espíritos perversos e galhofeiros que me tomavam por aparelho invigilante de suas manifestações indesejáveis. No fundo, eu mantinha por mim mesmo, no próprio espírito, suficiente material de leviandade e malícia, que eles exploraram largamente, adicionando aos meus erros os erros maiores que intentariam de balde praticar, sem meu concurso ativo. Acontece, porém, que abrindo meus olhos à verdade, na esfera em que hoje respiramos, em vão busco adaptar-me a processos mais nobres de vida. Quando não sou atribulado por mulheres e homens que se afirmam prejudicados pelas ideias que lhes infundi, na romagem carnal, certas formas estranhas me apoquentam o mundo interior, como se vivessem incrustadas à minha própria imaginação. Assemelham-se a personalidades autônomas, se bem que sejam visíveis tão somente aos meus olhos. Falam, gesticulam, acusam-me e riem-se de mim. Reconheço-as sem dificuldade. São imagens vivas de tudo o que meu pensamento e minha mão de escritor criaram para anestesiá a dignidade de meus semelhantes. Investem contra mim, apupam-me e vergastam-me o brio, como se fôssem filhos rebelados contra um pai criminoso. Tenho vivido ao léu, qual alienado mental que ninguém comprehende! Como entender, porém, os pesadelos que me possuem? Somos o domicílio vivo dos pensamentos que geramos ou as nossas ideias são pontos de apoio e manifestação dos Espíritos bons ou maus que sintonizam conosco?

Havia nos ouvintes significativa expectação, não obstante a calma reinante.

O infeliz deixou de falar, titubeante. Demorava-se atormentado por energias estranhas ao

próprio campo íntimo, apalermado e trêmulo à nossa vista. Fitou em mim os olhos esgazeados de esquisito terror e, correndo aos meus braços, bradou:

— Ei-lo! ei-lo que chega por dentro de mim... E' uma das minhas personagens na literatura fescenina! Ai de mim! acusa-me! Gargalha irônica e tem as mãos crispadas! Vai enforcar-me!...

Alçando a destra à garganta, denunciava, aflito:

— Serei assassinado! Socorro! socorro!...

Os demais companheiros perturbados e sofredores, ali presentes, alarmaram-se, desditosos.

Houve quem tentasse fugir, mas, com uma frase apenas, sustei o tumulto iniciante.

O pobre beletrista desencarnado contorcia-se em meus braços, sem que eu pudesse socorrer-lhe a mente transviada e ferida.

Cautelosamente, enviei um emissário a Gúbio, que compareceu, em alguns segundos.

Examinou o caso e pediu a presença de Leônicio, o ex-hipnotizador de Margarida. À frente do recém-chegado, indicou-lhe o doente em crise e falou peremptório, mas bondoso:

— Opera, aliviando.

— Eu? eu? — falou o convertido, semi-apalermado — merecerei a graça de transmitir alívio?...

Gúbio, no entanto, obtemperou, sem hesitar:

— Serviço construtivo e atividade destrutiva constituem problema de direção. A corrente líquida, devastadora, que derruba e mata, pode sustentar uma usina de força edificante. Em verdade, meu amigo, todos somos devedores, enquanto nos situamos nas linhas do mal. E' imperioso reconhecer, contudo, que o bem é a nossa porta redentora. O maior criminoso pode abreviar longos anos de pena, entregando-se ao resgate próprio, através do serviço benéfico aos semelhantes.

Dissipando-lhe as dúvidas, acentuou com inflexão de ternura:

— Começa hoje, aqui e agora, com o Cristo.

Em tua determinação de ajudar, esconde-se a solução do segredo da felicidade própria.

Leônicio não mais vacilou.

Magnetizou o enfermo dementado que, poucos minutos depois, silenciou, em profundo repouso.

Desde esse instante, o ex-perseguidor não mais me abandonou nas experiências do dia, desempenhando as funções de excelente companheiro.

A assembleia, porém, crescia de hora a hora.

Entidades de boa intenção buscavam-nos sequiosas de paz e esclarecimento, mas, francamente, doía-me observar tanta ignorância, além da morte do corpo.

Na maior parte dos presentes não surgia o mais leve traço de compreensão da espiritualidade. Raciocínios e sentimentos jaziam presos ao chão terrestre, vinculados a interesses e paixões, angústias e desencantos.

E nosso orientador fora categórico, nas últimas informações que transmitira. A noite próxima assinalar-nos-ia o término da permanência junto ao lar de Margarida, e cabia-nos preparar quantos nos buscavam, famintos de conhecimento santificante, para os serviços de oração que ele pretendia realizar. Não convinha comparecessem desprevenidos de avisos salutares e oportunos, acerca das obrigações e esperanças que lhes competiam desenvolver.

Em razão disso, interferi nas conversações, disseminando os esclarecimentos de que podia dispor.

Ao entardecer, a conformação e o contentamento reinavam em todos os rostos. Nossa Instrutor prometera conduzir os companheiros de boa vontade a esfera mais elevada, garantindo-lhes a passagem para a condição superior, e doce júbilo transparecia de todos os olhares.

Na exaltação da fé e confiança que nos dominavam, simpática senhora pediu-me permissão para cantar um hino evangélico, ao que anuí, prazeroso, e era de ver a beleza da melodia desferida em notas de maravilhoso encantamento.

Alegre e reconfortado pela expressão do serviço que nos fora conferido, tinha meus olhos nublados de pranto, quando, aos últimos versos do cântico de esperança, jovem dama, de triste fisionomia, avançou para mim e disse, em voz súplice:

— Meu amigo, de hoje em diante adotarei novo rumo. Sinto, neste cenáculo de fraternidade, que o mal nos afundará invariavelmente nas trevas.

Fixou os olhos lacrimosos nos meus e rogou, depois de comovente intervalo:

— Promete-me, porém, a bênção do olvido na “esfera do recomeço”! (1) Fui mãe de dois filhinhos, tão belos e tão puros como duas estrelas, mas a morte me arrebatou muito cedo do lar. Mas não foi a morte o único algoz que me feriu, desapiedado... Meu marido, em seis meses, esqueceu as promessas de muitos anos e entregou-me os dois anjos à madrasta sem entradas, que cruelmente os amesquinha... Há vinte meses luto contra ela, tomada de incoercível revolta; todavia, estou entediada do ódio que me constringe o coração! Preciso renovar-me para o bem, a fim de ser mais útil. Entretanto, meu amigo, tenho sede de esquecimento. Ajuda-me por piedade! Prende-me em algum lugar, onde minhas recordações amargas possam tranquilamente morrer. Não me deixes, por mais tempo, entregue aos caprichos que me arrastam. Minha inclinação ao bem é insignificante réstia de luz, no seio da noite do mal que me envolve. Compaídece-te e ajuda-me! Não sei amar, ainda, sem o ciúme violento e aviltante! Entretanto, não ignoro que o Mestre Divino se entregou à cruz, em extrema renúncia! não permitas que as minhas elevadas aspirações desta hora venham a perecer!

As rogativas e lágrimas daquela mulher acordaram-me a lembrança viva do próprio passado.

(1) Nos círculos mais próximos da experiência humana, “esfera do recomeço” significa reencarnação. — Nota do autor espiritual.

Eu também sofrera intensivamente para desvincilar-me dos laços inferiores da carne. Sensibilizado, nela enxerguei uma irmã pelo coração e que me cumpria esclarecer e amparar.

Abracei-a, comovido, como se o fizesse a uma filha, chorando por minha vez. E refletindo nas dificuldades de quantos empreendem a reveladora viagem da morte, sem bases de verdadeiro amor e de legítimo entendimento nos corações que permanecem à retaguarda, exclamei:

— Sim, farei tudo quanto estiver em minhas forças para auxiliar-te. Fixa-te em Jesus e doce esquecimento do perturbado campo terrestre te balsamizará o espírito, preparando-te para o voo às torres celestes. Serei teu amigo e desvelado irmão.

Ela abraçou-me, confiante, como a criancinha quando se sente segura e feliz.